

A CONTEMPLAÇÃO REALISTA DA EXISTÊNCIA NA PROSA QUEIROSIANA

*Marione Rheinheimer**

O Realismo representou uma mudança no modo de ver e de sentir o mundo, valendo-se da análise de elementos sociais e psicológicos para compor sua temática. De acordo com Eça de Queirós, “é por meio desta laboriosa observação da realidade, desta investigação paciente da matéria viva, desta acumulação beneditina de notas e documentos, que se constroem as obras duradouras e fortes.” Com base nesse princípio, os personagens de seu universo ficcional apresentam-se como testemunhas da mentalidade que caracterizou a sociedade portuguesa de seu tempo.

* Mestranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A intriga como modelo do mundo no romance realista

O realismo português, alicerçado na ficção de Eça de Queirós, foi gerador de uma nova postura perante o fazer artístico. Nesse panorama, o Realismo representou uma mudança no modo de ver e de sentir o mundo, valendo-se da análise de elementos sociais e psicológicos para compor sua temática. Queirós chama a atenção para essas questões quando comenta “a soma de observação e de experiência” de que se utilizou para construir a intriga de *O crime do Padre Amaro*. Isso não significa, entretanto, que o escritor tenha representado – ou tido a pretensão de representar – em sua totalidade, o contexto português de que trata a sua obra:

Quer isto significar que *O crime do Padre Amaro* dá em absoluto, na sua realidade complexa, o padre e a beata, a intriga canônica, a província em Portugal nesse ano da graça de 1879? Oh! certamente que não! O quadro tem infelizmente lacunas, lados de natureza mal estudados, recantos de alma explorados incompletamente... É, no entanto, toda a soma de observação e de experiência que eu possuo sobre este elemento parcial da sociedade portuguesa.

À base desse e de outros posicionamentos de Eça, depreende-se que a escritura de uma obra artística implica tanto o domínio estético como o conhecimento do autor na instância do mundo epistêmico, em particular a partir do contexto realista. De acordo com Eça, “é por meio desta laboriosa observação da realidade, desta investigação paciente da matéria viva, desta acumulação beneditina de notas e documentos, que se constroem as obras duradouras e fortes”². Desse ponto de vista, importa que nos atenhamos à forma como determinados aspectos da visão de mundo do escritor são representados no universo romanesco. Na abertura da obra *O primo Basílio*, o narrador introduz a cena doméstica em que se encontram as personagens Jorge e Luísa, em cuja descrição se percebe uma discreta atmosfera de sensualidade. O casal acabara de almoçar e Luísa encontrava-se, ainda, “no seu roupão de manhã de fazenda preta”, sentada à mesa, a ler o *Diário de Notícias*; nessa passagem, a “vaga quebreira” indica a dolência

¹ QUEIRÓS, Eça de. Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas. In: *Obras de Eça de Queirós*, volume II. Porto: Lello & Irmão, 1958. p. 167.

² Idem, p. 167.

do ambiente, realçando a caracterização de Luísa em meio a esse panorama familiar:

A sala esteirada alegrava, com o seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo: fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sextas, ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo; nas duas gaiolas, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, enchia toda a sala dum rumor dormente.³

A protagonista feminina assemelha-se ao “tipo geral das moças lisboetas”, comentado por Eça na obra *Uma campanha alegre*:

[Essas moças] Em primeiro lugar não respiram. Os seus dias são passados na preguiça de um sofá, *com as janelas fechadas*. Depois, não fazem exercício. Algumas mesmo não sabem andar; escorregam, saltitam, oscilam. Uma alemã, uma inglesa, anda como pensa – direita e certa. As nossas raparigas, constantemente sentadas e aninhadas, quando têm de se pôr a pé e de marchar, gingham e rolam. Além disso, o hábito do sofá, do recosto e da almofada – acostuma às posições lânguidas; cabeça errante, braços amolecidos, corpo abandonado, e assim *vão puxando o tempo pelas orelhas*; [são] criaturinhas cheias de pó-de-arroz, de rabuge, e *de mimos de romance!*⁴

Comparemos essa avaliação de Eça com os movimentos e o modo de sentir da personagem Luísa, em que sobressaem a languidez, o desejo de estar entre janelas cerradas – tal como o expressou Eça no trecho acima – e o hábito da leitura de romances, ao mesmo tempo em que ela acaricia amorosamente a orelha, sugerindo o gesto de “puxar o tempo pelas orelhas”, nas palavras do escritor:

³ QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p. 7. Nas demais citações, a referência bibliográfica virá identificada no corpo do ensaio, colocados o título e o número da página.

⁴ QUEIRÓS, Eça de. *Uma campanha alegre II [de 'As farpas]*. Portugal: Europa-América, s.d. p. 82; 83; 86. Grifos nossos.

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de ir se vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha: esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas. Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na *voltaire*, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amorosos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

(*O primo Basílio*, p. 11. Grifos nossos)

Em Amélia, personagem feminina de *O crime do Padre Amaro*, a sensualidade apresenta-se através dos modos brejeiros de menina, somados à adoração mística – esta última, à medida que progride o romance, cada vez mais estimulada pelo Padre Amaro. Quando ambos se encontram na casa da Rua da Misericórdia, Amélia está a despedir-se de uma amiga, vem da rua corada, ainda aos risos, e já sua figura bem feita impressiona o Padre:

Amélia tinha parado um pouco embaraçada, olhando para os degraus de cima, onde o pároco ficara, encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido; vinha corada; os seus olhos vivos e negros luziam; e saía dela uma sensação de frescura e de prados atravessados.⁵

Nessa representação, impressiona especialmente a última enunciação. Embora a vocalização seja do narrador, a impressão veiculada através do discurso: “saía dela uma sensação de frescura e de prados atravessados”, pertence à avaliação de Amaro, mais do que do narrador. Desse modo, o narrador – *heterodiegético* na obra *O crime do Padre Amaro* – ingressa no íntimo da personagem, expressando seu ponto de vista em relação às impressões provocadas por Amélia.

Isso possibilita dizermos que grande parte da descrição do narrador, e em especial aquelas que falam mais diretamente aos sentidos, como: “bela rapariga”, “bem feita”, “respirava fortemente”, “vinha corada”, “olhos vi-

⁵ QUEIRÓS, Eça de. *O crime do Padre Amaro*. Portugal: Europa-América, s.d. p. 27-28. Nas demais citações dessa obra, a referência bibliográfica virá identificada no corpo do ensaio, colocados o título e o número da página.

vos e negros que luziam”, e mais significativamente: “saía dela uma sensação de frescura”, são projeções do universo interior de Amaro, vislumbreadas pelo conhecimento onisciente do narrador – indiciando o futuro romance entre Amélia e Amaro. Também o fato de o pároco estar encostado ao corrimão, já a meio da escada, observando a aproximação da personagem feminina – que pára no momento em que vê Amaro, e dirige o olhar “para os degraus de cima” – intensifica o impacto da atração, acentuando a sensualidade que provém da personagem feminina.

Essa sensualidade tem sua culminância através da devoção mística de Amélia. Nessa perspectiva, uma das passagens que mais chama a atenção é aquela em que o pároco pede a Amélia que vista a capa de Nossa Senhora. A cena, relatada no capítulo XVIII da obra, acontece em uma daquelas ocasiões em que Amélia, aterrorizada em sonhos pela imagem da Totó, corre para a sacristia para “refugiar-se em Amaro, abrigar-se à auto-ridade sagrada de sua batina” (p. 255). Totó, a filha do sineiro, cuja doença serve de pretexto para os encontros furtivos de Amaro e de Amélia, aparece-lhe em visões como “um demônio implacável para a escarnecer e apupar” (p. 254). Ainda que Amaro lhe garantisse, para tranquilizar Amélia, que “nosso Santo Papa Pio IX, ultimamente, declarara pecado crer em pessoas possesas” (p. 254), Amélia atormentava-se com a culpa, possivelmente perseguida pelo olhar acusador de Totó – que não via, mas *ouvia* os encontros do casal em sua casa. Em um desses momentos é que Amaro lhe propõe, para desviar-lhe a atenção dos terrores noturnos e da culpa, vestir o manto de Nossa Senhora, presenteado por uma devota rica de Ourém. No prosseguimento da narração, o gozo místico mistura-se ao prazer dos sentidos, desviando Amélia dos terrores da culpa e da punição:

Ela então, movendo-se com uma cautela solene, chegou-se ao espelho da sacristia, tendo no topo uma cruz. Mirou-se um momento, naquela seda azul-celeste que a envolvia toda. A santidade que o manto adquirira no contato com os ombros da imagem *penetrava-a de uma voluptuosidade beata, fazia-lhe passar no corpo a carícia do éter do Paraíso.*

Amaro babava-se para ela:

– Oh, filhinha, és mais linda que Nossa Senhora!

Ela deu uma olhadela viva ao espelho. Era, decerto, linda. Não tanto como Nossa Senhora... *Mas com seu rosto trigueiro, de lábios rubros, alumiado por aquele rebrilho dos olhos negros, se estivesse sobre o altar, com cantos ao órgão e um culto sussurrando em redor, faria palpi-*

*tar bem forte o coração dos fiéis... Amaro então chegou-se por detrás dela, cruzou-lhe os braços sobre o seio, apertou-a toda – e, estendendo os lábios por sobre os dela, deu-lhe um beijo mudo, muito longo... Os olhos de Amélia cerravam-se, a cabeça inclinava-se-lhe para trás, pesada de desejo. Os beijos do padre não se desprendiam, ávidos, *sorvendo-lhe a alma*. A respiração dela apressava-se, os joelhos tremiam-lhe: e com um gemido desfaleceu sobre o ombro do padre, descorada e morta de gozo. (*O crime do Padre Amaro*, p. 256-257. Grifos nossos)*

Há uma passagem em *O primo Basílio*, em que se insinua, em Luísa, sentimento semelhante ao que observamos na personagem Amélia. A cena dá-se quando Luísa entra rapidamente na igreja, na tentativa de despistar o conselheiro Acácio:

Luísa subiu ao altar-mor. Olhava vagamente os santos, as virgens traspasadas de espadas, os Cristos chagados - *cheia de impaciências voluptuosas*, revendo o quarto, a caminha de ferro, o pequeno bigode de Basílio!... (*O primo Basílio*, p. 165. Grifo nosso).

Tanto em *O crime do Padre Amaro*, como na obra *O primo Basílio*, a conduta das personagens femininas está intimamente relacionada às circunstâncias que as envolvem: são consequência, conclusão e produto da ocupação – ou da falta dela, da religião e da cultura; mas, sobretudo, chegam-nos a imagem do tédio e da indefinição quanto a uma finalidade para a existência, o que resulta em uma sucessão de equívocos, que culminam com a trágica morte das personagens.

A imagem do jornal na farsa do cotidiano

Para Eça de Queirós, “um dos fins da arte realista é obrigar a *ver verdadeiro*”⁶. É por essa razão, possivelmente, que o escritor dedica-se a refletir sobre a influência do jornal na sociedade do século XIX, tema que Eça aborda nas *Notas contemporâneas* e através da *Correspondência de Fradique Mendes*. Destacamos, primeiramente, as considerações do escritor em uma nota de 1878, quando traçava o perfil de seu amigo Ramalho Ortigão. Nesses escritos, Eça expôs o objetivo das *Farpas*: “era obrigar a

⁶ QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. Op. cit., p. 1383.

multidão a *ver verdadeiro*⁷, e, em oposição a isso, a postura do jornal: através dele, “a *multidão vê falso*.” Pela aceitação passiva das opiniões impostas, pelo apagamento das faculdades críticas, por preguiça de exame – o público vê como lhe dizem que é⁸.

Portanto, se a reportagem é, ou deveria ser, “uma útil abastecedora da História”, conforme afirma Fradique em sua correspondência (em abordagem semelhante à anterior, assinada por Eça), o que de fato ocorria era coisa bem diversa, pois:

a reportagem hoje [contexto português de Fradique Mendes] se exerce, menos sobre os que influem nos negócios do Mundo, ou nas direções do pensamento, do que, como diz a Bíblia, sobre toda a ‘sorte e condições de gente vã’, desde os jóqueis até os assassinos. [Por isso], a sua indiscriminada publicidade concorre pouco para a documentação da história, e muito prodigiosamente, escandalosamente, para a propagação das vaidades!⁹

Em *O primo Basílio*, o jornal é citado reiteradamente, pondo-se em relevo a caracterização descrita por Fradique. Primeiro, é através do *Diário de Notícias* que Luísa toma conhecimento do retorno de Basílio, e observe-se com que traços de convicção o jornal noticia o acontecimento:

“Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o Sr. Basílio de Brito, *bem conhecido da nossa sociedade*. S. Ex^a que, *como é sabido*, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna *com um honrado trabalho*, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. A sua volta à capital é *um verdadeiro júbilo para os amigos de S. Ex^a, que são numerosos*.”

– E são! – disse Luísa, *muito convencida*.

(*O primo Basílio*, p. 9. Grifos nossos)

É pouco provável que a partida de Basílio para o Brasil fosse “bem sabida por toda a sociedade”, e mesmo que o fosse, por alguns, dificilmente essas pessoas estariam ainda se lembrando do fato. Entretanto, uma vez que o jornal o noticia como sabido e conhecido da sociedade, mesmo aqueles que sequer se recordam da existência de Basílio, *por vaidade* (como

⁷ Idem, p. 1383.

⁸ Idem, p. 1383.

⁹ QUEIRÓS, Eça de. *Correspondência de Fradique Mendes*. Op. cit., p. 1093.

diria Fradique), passam a incluí-lo em seu rol de “conhecimentos”, já que esse retorno significa uma honra, “um verdadeiro júbilo” para os amigos daquele que é tratado pelo jornal como “Sua Excelência”. De igual modo, ainda que a própria Luísa desconheça o “numeroso” círculo social de Basílio, ela prontamente concorda com os dizeres do anúncio, orgulhosa por ser sua prima: “– E são! – disse Luísa, muito convencida”. Por último, o anúncio sugere que a fortuna de Basílio foi conseguida “com um honrado trabalho”, o que passa a ser aceito como verdade, sem questionamentos de nenhuma espécie.

O mesmo acontecimento é reiterado mais adiante, no momento em que Luísa e Leopoldina – a *pão-e-queijo*, segundo a denomina, depreciativamente, o marido de Luísa – encontram-se. As personagens sobrepõem diferentes temas, configurando-se tanto a superficialidade na conversação entre Luísa e Leopoldina, como a própria facilidade com que passam de um assunto a outro – do circo para o jornal, do jornal para os vestidos – sugerindo a frivolidade de que se revestem essas alusões (p. 18). Semelhantemente, o narrador representa o sentido de “objeto descartável” conotado pelo uso do jornal, do qual uma das utilidades seria, na avaliação de Fradique, a de que “oferece cada manhã, desde a crônica até aos anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, à meia-noite, entre o silvar do gás e o fervilhar das chalaças”¹⁰. Jorge, de partida para o Alentejo, despede-se de Julião, a quem presenteia com uma caixa de charutos, embrulhada às páginas do *Diário de Notícias (O primo Basílio, p. 36)*.

Se, como quer Fradique, ser citado no jornal era o modo pelo qual se alimentava a vaidade do civilizado, sem dúvida o Conselheiro Acácio modula-se bem a esse comportamento. Quando se encontra com Luísa, num daqueles dias em que, ansiosa, a mulher de Jorge dirigia-se ao *Paraíso*, para os encontros com Basílio, o Conselheiro oferece-se para acompanhá-la em seu passeio. Enquanto Luísa, desesperada, vê passarem as horas sem conseguir livrar-se da presença de Acácio, ele, muito sereno, conversa com ela sobre todo tipo de assunto, e começa falando-lhe de sua viagem a Sintra, noticiada pelo jornal. “*Vi no jornal!*”, exclamaria Fradique, em carta a *Bento de S.*, “eis hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema!”¹¹. A síntese desse sentimento verifica-se nas palavras do conselheiro Acácio: “Estive em Sintra, minha querida senhora. – E parando: – não sabia? O Diário de notícias especificou-o!”

¹⁰ Idem, p. 1092.

¹¹ Idem, p. 1093.

Logo adiante, ladeando o Tejo, Luísa e o Conselheiro dão uma volta pelo jardim, e Luísa externa seu desgosto pelas altas grades que o isolam das águas. Mais uma vez, Acácio louva o papel da imprensa, que ele julga responsável pela diminuição dos suicídios em Lisboa:

Luísa gostava daquele jardimzinho, mas embirrava com as grades tão altas...

– Por causa dos suicídios! – acudiu logo o conselheiro. E todavia, segundo a sua opinião, os suicídios em Lisboa diminuíam consideravelmente; atribua isso à *maneira severa e muito louvável como a imprensa os condenava...*

– Porque em Portugal, creia isto, minha senhora, a imprensa é uma força!

– Se fôssemos andando?... – lembrou Luísa.

(*O primo Basílio*, p. 164. Grifos nossos)

Por fim, também o triunfo da peça de Ernestinho é aclamado pelos jornais. O narratário sabe tratar-se de uma peça “melodramática”, que Ledesma já pusera à apreciação das personagens no capítulo II de *O primo Basílio*. Quando de sua encenação – comentada nas páginas 295 a 298 do romance – a repercussão favorável é noticiada pela imprensa, e as personagens tomam conhecimento do sucesso através de uma nota do *Diário de Notícias* (p. 295). A glória em que se vê envolvido o nome de Ernestinho coaduna-se bem à avaliação de Fradique Mendes a respeito da força da imprensa na formação de juízos e valores:

O jornal estende sobre o mundo as suas duas folhas, salpicadas de preto, como aquelas duas asas com que os iconografistas do século XV representavam a Luxúria ou a Gula: e o Mundo todo se arremessa para o jornal, se quer agachar sob as duas asas que o levem à gloriola, lhe espalhem o nome pelo ar sonoro. E é por essa gloriola que os homens se perdem, e as mulheres se aviltam, e os Políticos desmancham a ordem do Estado, e os Artistas *rebolam na extravagância estética*, e de todos os cantos, em todos os gêneros, surge a horda ululante dos charlatães...

É com a mesma facilidade, que o Saavedra, do *Século*, e o Bastos, da *Verdade*, alardeiam as qualidades literárias de Ernestinho, que surge

¹² Idem, p. 1094. Grifos nossos.

como “um novo Shakespeare”, segundo eles, no cenário artístico português (p. 296).

Em ocasião anterior, em que o Conselheiro Acácio reunia em sua casa os amigos mais chegados para ler-lhes trechos de seu novo livro – *Descrição das Principais Cidades do Reino e Seus Estabelecimentos*, e “para ouvir a opinião deles, desassombrada e severa!” (p. 229) – mostrase, igualmente, implacável o estilo realista do narrador, ao descrever a figura do Saavedra, redator do *Século*; aqui, aparece explicitamente a opinião do narrador, desmascarando qualquer possível credibilidade que se queira dar ao jornalista:

A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto reluzia de brilhantina; as lunetas de ouro acentuavam o seu tom oficial; trazia ainda no queixo o pó-de-arroz, que lhe pusera momentos antes o barbeiro; e a mão, que escrevia tanta banalidade e tanta mentira, vinha aperreada numa luva nova, cor de gema de ovo.

(*O primo Basílio*, p. 229. Grifo nosso)

A retórica do Conselheiro Acácio, representante do constitucionalismo em *O primo Basílio*, ganha relevo no contexto narrativo. Saraiva e Lopes acentuam essa qualidade de Queirós, capaz de exercitar a análise estudiosa, científica e objetiva defendida pela teoria do romance realista:

A teoria da arte realista trouxe-lhe [a Eça] a observação perspicaz dos tipos sociais e das instituições, na mira de encontrar os caracteres, as feições e os grupos típicos de um conjunto social. O caráter intencionalmente típico das personagens é evidente: cada uma representa um produto social, explicitamente indicado: uma personagem de *O primo Basílio* tipifica um conjunto de condições ou uma instituição, por vezes esclarece o significado de duas das principais figuras do romance¹³.

As duas figuras do romance, na avaliação de Saraiva e Lopes, são *Ernestinho* – vinculado à Literatura, e *Acácio* – ao Constitucionalismo. Em suas *Notas contemporâneas*, o próprio Eça sintetiza esse posicionamento, ao falar sobre o dever do artista, situando, em sua exposição,

¹³ SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 5ª. ed. Porto: Porto, s.d. p. 907.

também o ponto de vista de Ramalho Ortigão, a quem exaspera a retórica constitucionalista:

Constitucionais, socialistas, miguelistas e jacobinos, de resto, para mim, como romancista, são todos produtos sociais, bons para a Arte, quando são típicos, todos igualmente explicáveis, todos igualmente interessantes. *O dever do artista é estudá-los*, como o botânico estuda as plantas, sem se importar que seja a beladona ou a batata, que envenene ou nutra. O que Ramalho mais tem odiado e investido na política é a retórica: é o que o exaspera no constitucionalismo¹⁴.

Eça explora tanto o perfil da retórica conservadora como o da democrática, traçando um panorama de sua influência no Portugal da segunda metade do século XIX:

Se Ramalho tem guerreado a retórica conservadora, não tem poupado a retórica democrática, *que não é em Portugal menos nociva: é a sua vaga fraseologia idealista*, que mantém tanto moço estimável *num humanitarismo enevoado e sentimental*, em que aspiram a ver toda a Europa livre, sem pauperismo, sem guerra, sem prostituição, sentando-se em banquetes fraternais, presididos pelos gênios, numa concórdia universal, *sob a proteção de Jesus, que sorri do alto dos Céus*, enquanto as searas nascem por si, em campinas arcádicas, ao som dos coros da liberdade... Não é neste estilo que escrevem nossos jornalistas democratas, os nossos operários? É ainda a remota influência deste lirismo democrático, que faz dizer aos conservadores de cinquenta anos, com o sorriso melancólico de quem fala em amores defuntos: - Ah, a república é *uma bem formosa quimera!*¹⁵

Algumas dessas características se manifestam no discurso do Conselheiro Acácio, evidenciando-se a fraseologia idealista, o sentimentalismo e, inclusive, a evocação à presença divina; as enunciações destacadas integram aquele momento de passeio no Tejo, quando o Conselheiro e Luísa admiravam o rio e a colina distante:

¹⁴ QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. Op. cit., p. 1387. Grifo nosso.

¹⁵ Idem, p. 1388. Grifos nossos.

– Grande panorama! – disse o conselheiro com ênfase. E encetou logo o elogio da cidade. *Era uma das mais belas da Europa*, decerto, e como entrada, *só Constantinopla! Os estrangeiros invejavam-na imenso*¹⁶. Fora outrora um grande empório, e era uma pena que a canalização fosse tão má, e a edilidade tão negligente! *Queria a independência do seu país; morreria por ela se fosse necessário; nem ingleses nem castelhanos!... – Só nós, minha senhora! – E acrescentou com voz respeitosa: – E Deus!*
 – Que bonito está o rio! – disse Luísa.
 Acácio afirmou-se, e murmurou em tom cavo: – *O Tejo!*
 (O primo Basílio, p. 164. Grifos nossos)

Uma retórica mais flagrante compõe o discurso do conselheiro em outra passagem, quando Acácio procede à leitura de uma página de sua *Descrição das Principais Cidades do Reino...* Aqui, trazendo para o texto narrativo referências do espaço histórico português, o narrador conjuga elementos objetivos à caracterização de sua personagem, concentrando na linguagem e na cosmovisão do Conselheiro os aspectos que o tornam um produto social bem planeado; inclui-se também um fator adicional, que aponta o aspecto risível da efabulação, quando, através da vocalização da criada, o Conselheiro é interrompido para que ele e os amigos “venham à sopa”; por último, o discurso relembra ao narratário a hipocrisia do redator do *Século*, pois ele faz uma apreciação favorável que será logo desmentida por meio da focalização interna do narrador:

[O conselheiro] Assoou-se, colocou-se no meio da saleta, de pé, com as folhas na mão, e, com uma voz cheia, gestos pausados, leu:

“– Reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a Lusa Atenas. E em seus bosques, no bem conhecido salgueiral, o rouxinol e outras aves canoras soltam seus melancólicos trilos. Quando vos aproximais pela estrada de Lisboa,

¹⁶ Estas frases do conselheiro lembram conteúdo semelhante no discurso do Conde de Ribamar, na penúltima página de *O crime do Padre Amaro*; o Conde passeia com Amaro e com o Cônego Dias e, encostando-se às grades da estátua do “velho poeta”, expressa: “– A verdade, meus senhores, é que *os estrangeiros invejam-nos...* E o que vou a dizer não é para lisonjear a Vossas Senhorias: mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como Vossas Senhorias, Portugal há-de manter com dignidade *o seu lugar na Europa!* Porque a Fé, meus senhores, é a base da Ordem!” (*O crime do Padre Amaro*, p.370).

vede-la branquejando, coroada do edifício imponente da Universidade, asilo da sabedoria. Lá campeia a torre com o sino. Para além, avistais logo, sentados, os brilhantes moços, esperança da pátria...”

– *Está a sopa na mesa* - veio dizer uma criada, de avental branco, muito nutrida.

– Muito bem, conselheiro, muito bem! – *disse logo o Saavedra do Século, erguendo-se. – É admirável!*

Declarou para os lados com autoridade: “que o estilo era digno dum Rebelo ou dum Latino, e que realmente estava-se precisando muito em Portugal duma obra daquele quilate...” E pensava baixo: “Grandíssima cavalgada...” O que era a sua apreciação genérica de todas as obras contemporâneas – *excetuando os seus artigos no Século.*

(*O primo Basílio*, p. 230. Grifos nossos)

Em *O crime do Padre Amaro*, encontramos também uma referência a essa (má) propensão da figura jornalística no que se refere ao seu compromisso com a verdade. A alusão é feita pelo abade Ferrão, em conversa com o Dr. Gouveia, na casa da Ricoça. Ambos discutem o espaço da ciência e da religião na trajetória do homem, e a certa altura, com indignação contra os argumentos científicos do médico, o abade defende-se: “– Perdão, doutor, peço-lhe humildemente perdão... Mas isso não é discutir... *Isso é falar com a levandade de um jornalista*”(O crime do Padre Amaro, p. 348).

Os debates empreendidos entre o religioso e o médico representam dois planos de existência no contexto da arte: a razão e a fé. Em *O crime do Padre Amaro*, a ciência entrecruza-se com a religião, através das atuações do Dr. Gouveia – médico que acompanha Amélia durante as dificuldades da gravidez, e do abade Ferrão – que, como um confessor amoroso, assiste-a no mesmo período, até a morte da personagem. É preciso, no entanto, que façamos uma distinção, para que fiquem claras as relações compreendidas entre o pensamento científico e o pensamento religioso no romance de Eça. Essa ressalva diz respeito às diferenças de postura e de concepção entre o abade Ferrão – homem virtuoso e íntegro, em oposição ao procedimento do Cônego Dias e do Padre Amaro, ambos representantes, no romance, de uma religiosidade hipócrita, de uma “cumplicidade de vícios escondidos, numa exploração hábil de nevroses”¹⁷. De um lado, Eça representa, em seu romance, um anti-clericalismo radical, concentrado no

¹⁷ SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. Op. cit., p. 901.

comportamento dos padres que freqüentam a casa de D. Joaneira, e, por outro, rompe com essa visão negativista do mundo religioso, quando dá voz à figura bondosa e autêntica do abade Ferrão.

Uma representação a destacar é a do encontro entre Ferrão e D. Josefa, a velha senhora que, por devoção aos padres da Rua da Misericórdia, tolera a presença de Amélia à casa da Ricoça, ocultando-lhe a gravidez aos olhos da sociedade. Por ser época de férias, os “santos da cidade” – expressão de D. Josefa – estão veraneando, razão pela qual ela aceita confessar-se ao padre Ferrão. Entretanto, não está entre as práticas comuns do abade ouvir, em confissão, “aquela extraordinária lista de pecados mortais” (p. 304) que a velha senhora passa a relatar-lhe. Nota-se, na enunciação do narrador, que há uma crítica explícita ao “beatério caturra e atormentado” (p. 304) de D. Josefa, somente possível em uma “alma complicada de devota da cidade”, tão diferente da devoção simples das almas da paróquia do abade Ferrão.

A seguir, através do discurso indireto livre, são revelados ao narratário os “pecados medonhos” cometidos pela devota:

Pobre D. Josefa! Logo na primeira noite que chegara à Ricoça (*contava ela*), ao começar o rosário a Nossa Senhora, lembrara-lhe de repente que lhe esquecera o saiote de flanela escarlate, que era tão eficaz nas dores das pernas... Trinta e oito vezes de seguida recomeçara o rosário, e sempre o saiote escarlate se interpunha entre ela e Nossa Senhora!... Então desistira, de exausta, de esfalfada. E imediatamente sentira dores vivas nas pernas e tivera como uma voz de dentro a dizer-lhe que era Nossa Senhora por vingança a espetar-lhe alfinetes nas pernas...

O abade pulou:

– Oh, minha senhora!...

Havia outro pecado que a torturava: quando rezava, às vezes, sentia vir a expectoração; e, tendo ainda o nome de Deus ou da Virgem na boca, tinha de escarrar; ultimamente engolia o escarro, mas estivera pensando que o nome de Deus ou da Virgem lhe descia de embrulhada para o estômago e se ia misturar com as fezes! Que havia de fazer? e de repente, nem ela soube como, pôe-se a pensar como seria S. Francisco Xavier nu em pêlo!

(*O crime do Padre Amaro*, p. 304. Grifo nosso)

A reação do abade a essas “fantasmagorias” místicas não poderia ser outra: atordoado e, logo a seguir, coerente com sua índole bondosa, o

abade aconselha D. Josefa à auto-reflexão, sem penitências que lhe castiguem o corpo ou o espírito. Reitera-se, mais uma vez, por meio das enunciações do abade, a divergência ideológica entre seu posicionamento e o discurso opressor e alienante da Ordem Oficial, representada pelo Sr. Pároco, o Sr. Silvério, o Sr. Guedes e o Cônego Dias.

É pela filosofia de vida do abade Ferrão, que se entende a compatibilidade entre o discurso religioso e o científico no contexto narrativo. Se fosse outra a postura do sacerdote – e daí a sua importância enquanto figura literária que rompe com a ordem vigente – não haveria diálogo entre ele e o Dr. Gouveia, um naturalista e racionalista convicto. Em uma das visitas do Dr. Gouveia a D. Josefa, Amélia acompanha o doutor até a porta, e ele surpreende sua gravidez; durante o diálogo, Gouveia deixa clara sua concepção naturalista da existência:

Bem, bem, pequena, não te quero mal por isso. Estás na verdade. *A Natureza manda conceber, não casar.* O casamento é uma fórmula administrativa.

Amélia olhava-o, sem o compreender, com as duas lágrimas muito redondinhas a correrem-lhe devagar pela face. Ele bateu-lhe com os dedos no queixo, muito paternal: – *Quero dizer que, como naturalista, regozijo-me. Acho que te tornaste útil à ordem geral das coisas. Vamos ao que importa...*

Deu-lhe então conselhos sobre a higiene que devia ter. (*O crime do Padre Amaro*, p. 321-322, grifos nossos)

A partir daí, fluem os encontros entre o abade Ferrão e o Dr. Gouveia. Apesar das divergências ideológicas, eles usufruem, juntos, bons momentos de embates discursivos, tanto que Amélia reuniu ambos em sua devoção: “eram os seus bons amigos – um que lhe prometia a saúde, outro a Graça” (p. 325).

No trecho seguinte, o abade e o médico tratam de questões como as da razão e da fé, propiciando também ao narratário a reflexão em torno dos temas:

– E agora – dizia o doutor, trinchando o peito do frango –, agora que eu introduzi a criança no mundo, os senhores (e quando digo os senhores, quero dizer a Igreja) apoderam-se dela e não a largam até a morte. O abade curvou-se e tomou uma estrondosa pitada, preparando-se para a controvérsia.

– A Igreja – continuava o doutor com serenidade - começa, quando a pobre criatura ainda nem tem sequer a consciência da vida, por lhe impor uma religião...

O abade interrompeu, meio sério, meio rindo: – Ó doutor, ainda que não seja senão por caridade com a sua alma, devo adverti-lo que o sagrado Concílio de Trento, cânone XIII, comina a pena de excomunhão contra todo o que disser que o batismo é nulo por imposto sem a aceitação da razão.

– Mas quando se manifestam no pequeno os primeiros sintomas de razão - continuava o doutor -, quando se torna necessário que ele tenha, para o distinguir dos animais, uma noção de si mesmo e do universo, então entra-lhe a Igreja em casa e explica-lhe tudo! Tudo!

(*O crime do Padre Amaro*, p. 345-346)

As preleções prosseguem, até os interlocutores chegarem às controvérsias sobre a educação eclesiástica, tema introduzido pelo médico. O discurso do doutor desvenda as contradições entre as necessidades inerentes à natureza humana em contraponto às exigências formais da Igreja, dentre as quais acentua-se o celibato. O enfoque temático atende a duas contextualizações: uma, externa ao texto narrativo, uma vez que no meio social discutem-se questões como as do celibato sacerdotal, e, mais amplamente, as influências das concepções científica e espiritual na trajetória humana; a segunda, de caráter interno, considerando-se que as personagens que abordam tais questões pertencem ao mundo possível ficcional e a própria discussão vincula-se à intriga, pois não podemos esquecer que a polêmica entre o abade e o médico instaura-se devido à postura da Igreja e a conduta do padre Amaro, que rompe com os votos de castidade, desencadeando o drama em que se envolvem as personagens:

– Aí tem o abade uma educação dominada inteiramente pelo absurdo: resistência às mais justas solicitações da Natureza e resistência aos mais elevados movimentos da razão. Preparar um padre é criar um monstro que há-de passar a sua desgraçada existência numa batalha desesperada contra os dois fatos irresistíveis do universo – a força da Matéria e a força da Razão!

– Que está o senhor a dizer? – exclamou, assombrado, o abade.

– Estou a dizer a verdade. Em que consiste a educação de um sacerdote? *Primo*: em o preparar para o celibato e para

a virgindade; isto é, para a supressão violenta dos sentimentos mais naturais. *Secundo*: em evitar todo o conhecimento e toda a idéia que seja capaz de abalar a fé católica; isto é, a supressão forçada do espírito de indagação e de exame, portanto de toda a ciência real e humana...

(*O crime*, p. 347-348)

Essas discussões funcionam como uma espécie de preparação para o desfecho do romance: os discursos constroem, ponto a ponto, aspectos de incompatibilidade entre a ciência e a religião, para desconstruí-los depois quando, no leito de morte de Amélia, unem-se, para um mesmo fim, a fé e a razão, pois acorrem o abade e o médico, cada um no exercício de sua especialidade:

– O doutor desculpe... Mas tem-se visto, depois dos socorros da religião, os moribundos voltarem a si de repente, por uma graça especial... A presença do médico então pode ser útil...

– Eu ainda não vou, ainda não vou – disse o doutor, sorrindo involuntariamente de ver a presença da Medicina reclamada para auxiliar a eficácia da Graça.

(*O crime do Padre Amaro*, p. 352. Grifo nosso)

Eça de Queirós, assim como sua obra, acenam-nos com o equilíbrio entre a existência racional e a espiritual. Em seu artigo, “Positivismo e Idealismo”, datado de 1893, o escritor defende que o homem retome a posse de “sua ardente companheira, a imaginação”¹⁸, pois não é possível à huma-

¹⁸ QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. Op. cit., p. 1498.

¹⁹ Eça viveu no século do positivismo científico e, embora se tenha envolvido com muitos de seus preceitos, deixou-nos uma avaliação coerente com os seus propósitos. Antes de comentá-la, lembramos: entre 1830-1842 publicou-se o *Curso de Filosofia Positiva*, de Augusto Comte, “obra que propunha um pensamento materialista, fundado na observação e movido pela objetividade”; entre 1851-1854, Comte produziu a *Política Positiva* ou ‘Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade’ e o *Catecismo Positivista* ou ‘Exposição Sumária da Religião Universal’ (1852); o cientificismo espalhou-se, ainda, pela publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, 1859. A partir dos rumos tomados pela História em função das idéias difundidas, Eça de Queirós pondera: “O que sucederá é que, sobre muitos problemas que a ciência não pôde ainda resolver, se vai exercer, como um socorro imprevisto, a ação da fé, duma fé renovada e transformada, acomodada às exigências da civilização e da própria ciência” (*Notas contemporâneas*. Op. cit., p. 1501); e ainda: “O homem desde todos os tempos tem tido (se me permitem

nidade escrever a sua história apenas acreditando “na ciência e nos laboratórios”¹⁹.

Em *O crime do Padre Amaro* e em *O primo Basílio*, ambas as concepções estão representadas; as personagens defendem-nas, brigam por elas e vivem em coerência com suas opções, especialmente o abade Ferrão e o médico Gouveia. O engenheiro Jorge, com suas leituras de Bastiat, rechaça qualquer estímulo ao sentimentalismo e ao romantismo, ainda que se envolva com mulheres “românticas”. O padre Amaro, um tipo magrito e franzino, apresenta propensão “natural” – e não vocacional – para o sacerdócio e, cercado de um clericalismo vicioso, não consegue administrar os instintos de sua natureza. As personagens femininas – Luísa, Amélia e Juliana – envolvidas em situações-limite, não suportam as pressões sociais: são oprimidas e destruídas por elas. Ambos os romances mostram que quando não há busca de unidade entre a razão e o sentimento, o equilíbrio humano dilui-se na exacerbação, instaurando-se a instabilidade e a anulação do ser.

esta alegoria neoplatônica), duas esposas, a razão e a imaginação, que são ambas ciumentas e exigentes, o arrastam, cada uma, com lutas por vezes trágicas e por vezes cômicas, para o seu leito particular - mas entre as quais ele até agora viveu, ora cedendo a uma, ora cedendo a outra, sem as poder dispensar, e encontrando nesta coabitação bigâmica alguma felicidade e paz” (Op. cit., p. 1499-1500).